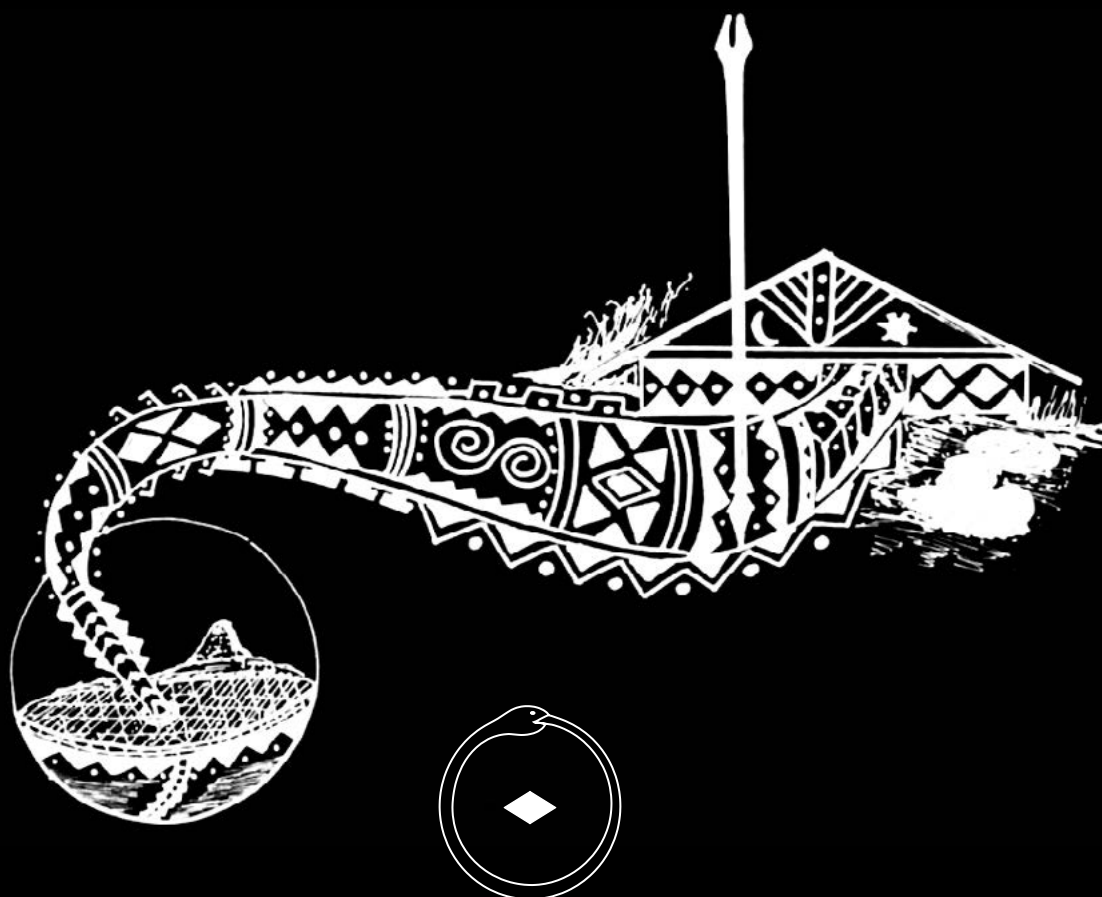
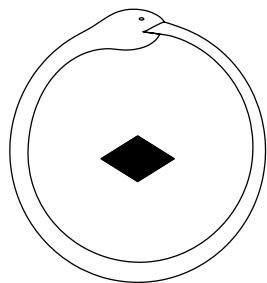


PAMŪRÍ YUKŪSIRU
A VIAGEM DA VIDA
NA CANOA DE TRANSFORMAÇÃO
Jaime Diakara



cadernos
SELVAGEM



PAMŪRÍ YUKŪSIRU

A VIAGEM DA VIDA NA CANOA DA TRANSFORMAÇÃO

Jaime Diakara

Transcrição da fala do Jaime na [Conversa Selvagem](#)
realizada em 20 de janeiro de 2021.

Não sei se os brancos vão entender ou se interessar pelo que queremos dizer à sociedade não-indígena nessa Conversa Selvagem. Sempre digo que não sou especialista científico, mas em conhecimento indígena tradicional. Eu sou formado na escola Desana em conhecimento indígena e na Antropologia em perspectivismo indígena. É muito importante trazermos essas histórias da terra através da Geomitologia. Como está a Terra? Como está o mundo em que vivemos? Precisamos traçar aqui algumas características importantes da Geomitologia para a sociedade indígena, que é chamada de “cosmologias populares”, nas condições da filosofia ocidental. Em nosso trabalho na Antropologia, no Núcleo de Estudos da América Indígena da Universidade Federal do Amazonas (NEAI/UFAM), temos um orientador tradicional e um orientador não-indígena. É o tripé do conhecimento. Por exemplo, meu orientador tradicional foi meu pai, que me passou todas as informações. E eu, sou um cartão de memória, que repassava para o computador do meu orientador não-indígena para discutirmos.

Com isso, trabalhamos na Geomitologia física para discutir e criar teorias: a teoria dos Tukano é dessa maneira, teoria dos Desana é isso, teoria dos Tuyuka é isso, teoria dos Baniwa é aquilo. Cada povo tem seus modos de agir, promover e de respeitar a natureza durante a festa ritualística. Os Tuyuka não fazem as mesmas festas que os Desana e os Tukano também não festejam as mesmas constelações. Por isso, que nós, os indígenas antropólogos, começamos a pensar uma maneira diferente de mostrar como os diferentes povos indígenas pensam o mundo de hoje. Trabalhamos em uma nova Antropologia, na qual, incorpore o modo de pensar indígena. O que era mito antigamente agora vai ser

ILUSTRAÇÃO DA CAPA E DA
PÁGINA 7: Jaime Diakara
LEGENDA: *Antes não existia
cores e sim um mundo de
escuridão e de transformação
de vidas de todos os seres.*

chamado de *kih̄ti*, “benzimento” vai ser trabalhado como *bahsese*¹ e o que se chamava de ritual agora é *bahsamoĩ*.² Esses três conceitos estão baseados nas constelações. Cada *kih̄ti* tem ligação com a movimentação das estrelas e a Canoa da Transformação saiu da praia de Copacabana em direção ao Rio Negro acompanhando a movimentação das estrelas. E é por isso que quando vamos discutir e falar da mitologia de transformação da humanidade sempre nos atentamos à movimentação das estrelas. A Geomitologia física é muito importante porque os indígenas olham as estrelas não como estrelas, eles as percebem como reflexo, como mediadoras, orientadoras do tempo. E estamos levando esse novo diálogo do modo de pensar indígena à universidade.

Temos três grandes sábios que animam a maloca: *yai*, *kumu* e *baya*. Quando falamos em *yai*, considerado como onça, este representa um especialista, um grande conhecedor dentro da maloca. É quem domina, orienta seus irmãos, cuida da maloca e faz os agenciamentos quando alguém está doente. Mas o *kumu* é especialista de benzimento, conhecido como pajé ou xamã, conhecedor de todas as plantas medicinais e de benzimentos, conhece os seres invisíveis ou seres não-humanos que podem atacar a humanidade. É quem faz a proteção e a defumação da casa, considerado o grande enfermeiro da família. Tem também o *bayá*, o grande cantor e músico, que anima a maloca durante a festa ritualística.

Para nós indígenas, o rio não é apenas um rio, uma pedra não é apenas uma pedra, um lago não é apenas um lago, uma montanha não é apenas uma montanha, há outro “humano” que faz parte do concerto das cosmologias sociológicas³, existem outros seres. E é por isso que o Lago de Leite⁴ tem um significado muito importante para os indígenas.

1. Um *kih̄ti* não é totalmente um *bahsese*. A fórmula aplicativa do *kih̄ti* que é *bahsese*, uma pajelança.

2. *Bahsamoĩ* são rituais de dança.

3. Quando falo a cosmologia sociológica quero trazer esse pensamento que o indígena Desana tem em sua socialização cotidiana com os seres que habitam esses lugares, que são *waimahsã*, “seres não humanos, seres invisíveis”. Já em rituais específicos abrem-se conexões específicas com cada *waimahsã*.

4. Para os Desana e Tukano, a vida se inicia no Rio de Janeiro, chamado por eles de Lago de Leite. É nesse lugar que emerge a Canoa de Transformação e onde surgem as primeiras malocas. Ver o caderno [RIO DE JANEIRO, O LAGO DE LEITE](#).

No dia de São Sebastião homenageia-se o primeiro contato dos portugueses com os povos indígenas, que aconteceu na Baía de Guanabara, no Lago de Leite. A natureza que está no Rio de Janeiro é muito importante no pensamento indígena, por ser uma questão de territorialidade étnica da origem da vida e da origem humana, ou seja, da transformação da humanidade. Descendo do universo, foi lá, no Rio de Janeiro, que se teve o primeiro contato com a vida. Os portugueses vieram do outro lado e fizeram esse contato no mesmo local. Na cosmologia indígena Desana comemoramos o aniversário do local da Baía de Guanabara, o Lago de Leite na constelação de Tatu. Nessa constelação identificamos pela movimentação das estrelas a concentração de vários peixes, e por isso a importância de fazermos duas homenagens no dia de São Sebastião: o primeiro contato de indígenas com não-indígenas e, também, cosmologicamente falando, a época da estação de Tatu.

A constelação de Tatu, que pode ser observada na Via Láctea, não fica bem no meio dela, fica bem do lado, é a quarta constelação. O calendário está no universo e cada movimentação das estrelas vai dizer a época do ano. Por exemplo: para os Desana, o primeiro dia do ano começa em agosto, com a constelação da Garça, que foi a época da chegada da Canoa de Transformação em Ipanoré Cachoeira, isso de acordo com as narrativas Desana. A constelação de Tatu é muito importante para os

DESENHO DA CONSTELAÇÃO DO TATU: **Tōrāmũ Kēhíri** (Luiz Lana). Integra uma série de desenhos para o artigo CHUVAS E CONSTELAÇÕES DESANA que **Tōrāmũ Kēhíri** e Berta Ribeiro escreveram juntos. Os originais estão na Fundação Darcy Ribeiro.



indígenas, pois é a época das enchentes onde há piracema⁵ de vários tipos de peixe. E foi por isso que falei no lago da bacia de Guanabara, pois é na estação de Tatu que pode chegar lá para festejar, para tomar leite de vida e fazer seu ritual, que em português chamamos de piracema.

É uma festa e homenagem para fortalecer a vida e o sangue. A veia do ser humano está ligada à cuia do Universo, que por sua vez está ligada à Baía de Guanabara e é por isso que eu chamo de bacia, ou seja, uma cuia. A simbologia do Tatu está lá, na Baía de Guanabara.⁶

Quando um **KUMU** fala que na Baía de Guanabara existe uma simbologia de vida, onde há a ligação do humano com o universo e do universo com o humano, não é uma simbologia turística, econômica. Nós, Desana, falamos em dois tempos: contar a história do local é uma coisa, contar a história do tempo é outra coisa. Quando o **KUMU** junta as duas coisas, aí se torna o benzimento, que chamamos de **bahsese**. Meu pai, avô e tio sempre diziam que Lago de Leite é um lago de concentração, para os Desana seria uma cuia. Traduzindo para a língua portuguesa seria uma bacia de pedras preciosas, de ouro. Aquele lago não é apenas um lago, seria o corpo da vida da pessoa onde há o contato da primeira ligação da cuia de leite. Eu não estou falando de leite integral ou leite em pó, mas do leite que está na memória, na filosofia, na Geomitologia, na Geocosmopolítica do **KUMU**. Não vão achar que lá tem leite mesmo, que é para vocês irem lá tomar leite. Eu estou falando em questão de espiritualidade, na teoria de animismo.

Na memória dos grandes pensadores indígenas, toda aquela água da Baía de Guanabara não é apenas água, o Pão de Açúcar seria o seio de uma mulher, pois parece que há a presença de uma parte da mulher ali, e o **KUMU** usa esse leite que vem ligado ao seio da mulher. Essas filosofias estão na memória dele e para os Desana, Tukano e Tuyuka são coisas sagradas. Cada um tem seu entendimento em como interpretar os locais, como imaginar a cultura com ligação à natureza.

5. Movimento migratório de peixes no período de reprodução em direção às nascentes dos rios ou partes rasas.

6. É no período da constelação do Tatu, da piracema, que a Canoa da Transformação com o povo **waimahsã** deixa o Lago de Leite e parte para sua jornada até Ipanoré, Cachoeira no rio Negro.

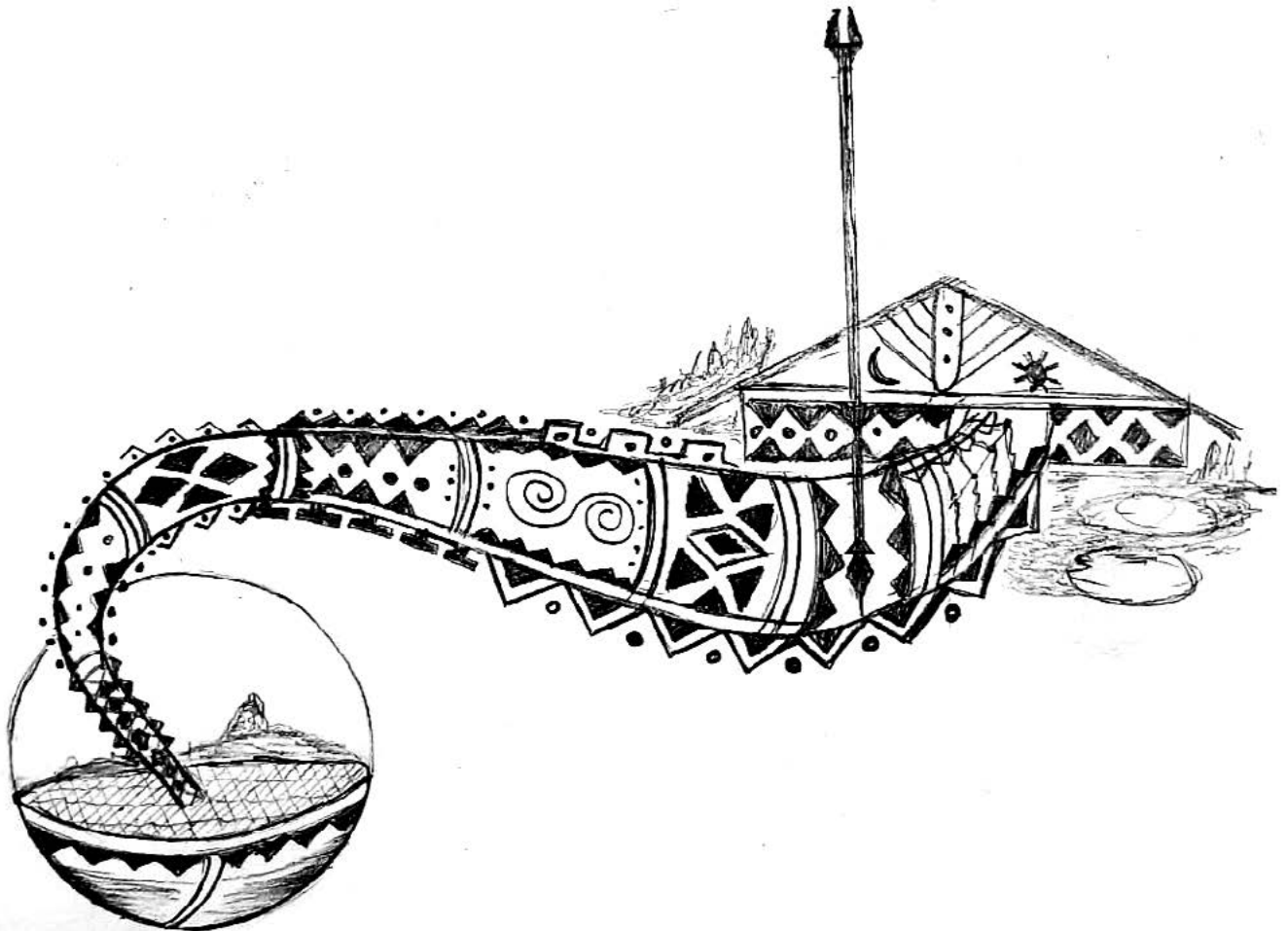
É muito importante traçar também como os indígenas fazem essa leitura Geomitológica. Como foi feita a estrutura? Quem é criador? Quem projetou? Para que serviu esse Lago? Para que serve o Pão de Açúcar? E o que está ao redor? E as praias? Será que tem significado? Para os **KUMUÃ**, tudo o que existe na Terra tem seu significado e sua vida. A ideia indígena não é igual ao pensamento do branco, por isso, é muito importante traduzir uma coisa que às vezes grandes pensadores não conseguiram traduzir conforme os pensamentos indígenas.

Quando os velhos contavam sobre **YAI**, **KUMU** e **BAYA**, já foi traduzido que **YAI** seria uma onça. Hoje, muitos desenham a onça como simbologia indígena, mas na verdade eles não estavam falando da onça propriamente. A onça é uma espécie. Eles estavam falando em onça relativo ao título do saber e do conhecimento, ao domínio de conhecimentos indígenas referente às plataformas do universo, do terrestre e do rio. Da ligação com esses animais, como se adaptar a eles, como ver o mundo através dessa ligação e sofrer consequências negativas ou positivas, dependendo do que se escolhe: provocar ou respeitar os outros seres. Quando os seres humanos não respeitam os outros seres, provocam as doenças, os males e depois não conseguem resolver. O ser humano cria a pandemia e depois não consegue resolver o problema. O mundo está sofrendo nesse momento. A pandemia da covid-19 está levando embora muitos pensadores e sábios ancestrais. Na minha etnia, Desana, perdemos o Feliciano Lana, um grande escritor e ilustrador que contava sua história através de desenhos.

Os não-indígenas pensam que os indígenas estão inventando mitos. O ser humano é muito duvidoso. Quem vive com esse conceito de perspectivismo acredita que aquele local para nós é um local sagrado. Você não pode tomar banho naquele local porque aconteceu isso e você pode sofrer as consequências. Cada localidade por onde passou a Canoa da Transformação tem sua simbologia, por exemplo, a praia de Copacabana não é qualquer praia, às vezes alguém vai tomar banho lá e pode sumir. Em Belém, Manaus, até chegar em Ipanoré, a cachoeira **PAMŪRĨ** **POÁ** de onde emergiram os seres humanos. Cada local na Terra por onde a Canoa passou tem seu sentido e significado. Por isso que a história tem sua importância: pode fazer bem ou fazer mal. Quando o conhecedor sabe disso, pode transformar essa sabedoria Geomitológica em Geomedicinas.

A Baía de Guanabara é a cuia de leite. Quando um benzedor, **kumu**, vai benzer a primeira gestação da mulher, esta vai dizer ao pai: acho que quero engravidar. O que o **kumu** vai fazer então? Vai começar a benzer materialmente e espiritualmente, fazendo contato com o Lago de Leite, fazendo ligação com o Universo através do cipó de sangue para o bebê se formar e se preparar para vir para este mundo. É isso o que chamamos de Geomedicina indígena. Cada local tem seu tipo de benzimento. Cada localidade que a Canoa da Transformação passou vai acompanhando a gravidez da mulher até chegar em Ipanoré-Cachoeira. Esse acompanhamento da gestação é chamado de Geomedicina, por estar levando uma vida a este mundo. A mulher indígena é acompanhada pela Geomitologia e pela Geomedicina, que é o mito se tornando benzimento, e locais se tornando pontos de referência para cuidar da saúde da humanidade.

A Canoa da Transformação saindo da praia de Copacabana, para os Desana, não é apenas uma Canoa na Geomedicina. O **kumu** vai incorporar o corpo de uma mulher. Eu estou me referindo a como os Desana conhecedores usam essa narrativa de canoa, **Pamũrí yukũsiru**, para trazer uma vida ao mundo.



JAIME DIAKARA

Pedagogo, mestre em antropologia social, escritor de literatura infanto-juvenil do povo Desana e palestrante sobre cosmopolítica Desana. Natural do Rio Tiquié, filho de pai Desana e mãe Tukano. Parente de Luiz e Firmiano Lana, autores do livro *Antes o mundo não existia*.

AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil

Este caderno conta com a especial colaboração de Victoria Mouwad, que transcreveu e preparou o texto para edição, e de Glaucia Pérez, revisora do texto.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Sugerimos também a leitura do caderno [Complementaridade e Transformação Yepamahsã](#) de João Paulo Barreto.

Muito obrigada ;)

Sonhadora desde a infância, VICTORIA MOUAWAD escreve para não deixar os sonhos escorrerem por entre os dedos. Encontrou na sabedoria dos povos indígenas uma potência onírica inesgotável, de onde germinam ideias sobre outros viveres possíveis dos humanos na biosfera. Só consegue vislumbrar uma chance de sobrevivência da espécie pela escuta atenta ao som alto da voz dos indígenas, das mulheres e dos negros. Em 2020, traduziu com Madeleine Deschamps o livro *Metamorfoses* pela Dantes Editora e atualmente é aluna do programa de tradutores da Casa Guilherme de Almeida.

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2021

